

LORENA MURIÉN



VOLTAR



A SER



EU E TU



© 2024 Lorena Murién
SafeCreative © 2410139788867
[instagram.com/lorenamurien_](https://www.instagram.com/lorenamurien_)
twitter.com/lorenamurien_
Design da capa: Verónica Espinosa
Diagramação: Lorena Murién

É proibida (sem a autorização por escrito dos detentores dos direitos autorais) sob as sanções estabelecidas por lei, a reprodução total desta obra por qualquer meio ou procedimento, incluindo reprografia, reprodução e tratamento informático, juntamente com a distribuição de exemplares por meio de aluguer ou empréstimos públicos. No entanto, é permitida a reprodução parcial desta obra para fins promocionais, publicitários, resenhas do seu conteúdo em qualquer meio escrito ou digital, inspiracionais, com a única obrigação de mencionar o detentor dos direitos autorais.

Quero agradecer a Verónica Espinosa León
pela sua contribuição na revisão deste romance,
sem a sua ajuda e conselhos o resultado não
teria sido o mesmo.

«Que o coração dite o que queremos ser.»

1

LAURA

Março de 2024. Bilbao.

Não sei quantos conjuntos e vestidos deixei sobre a cama, indecisa sobre o que vestir no dia mais importante da minha carreira, pelo menos desde que me lembro. Ao olhar para trás, percebo a quantidade de conquistas e oportunidades que tive nas minhas mãos, numa trajetória que nunca foi fácil, mas que me permitiu desfrutar de viagens por toda a Espanha e Europa, sempre com um sorriso. Até hoje. Parece que foi há uma eternidade quando decidi que queria algo diferente: estabelecer-me numa cidade sem a necessidade de estar constantemente a pensar no meu próximo destino. Queria trabalhar numa empresa que tivesse objetivos claros e que não se dedicasse apenas a organizar as festas patronais das aldeias ou as festividades natalícias.

Hoje é o dia.

Olho-me no espelho do armário que continua praticamente vazio, tudo por causa do medo irracional de que este emprego se torne água debaixo da ponte após a minha primeira reunião. Não posso dizer que sou especialista na apresentação de campanhas publicitárias e eventos, mas quando a Marta me falou do cargo, não hesitei nem por um instante.

Ainda não acredito que, depois de tanto tempo, vamos trabalhar juntas novamente e, além disso, que vou morar tão perto dela.

Os nervos enredam-se no meu estômago quando a campainha toca.

—Merda, que atrasada! —grito ao olhar para o relógio e perceber que já deveria estar pronta. Corro para a entrada e atendo o interfone. Do outro lado, vejo-a sorrir e carregar uma pequena bolsa que já sei o que contém. —Suba, ainda não estou pronta.

—Como assim...?! —Eu a ouço protestar, mas desligo antes que ela possa dizer mais alguma coisa.

Deixo a porta entreaberta e volto para o quarto. A bagunça na cama me causa uma nova pontada de ansiedade. —Qualquer um diria que eu não suporto desordem—, ironizo e faço uma careta, esperando que a minha melhor amiga venha me dar uma mão. Assim que ouço a porta fechar, sinto um alívio reconfortante.

— Não acredito que ainda estás assim — protesta Marta, assim que entra. — Falta meia hora para a reunião!

—É que não tenho ideia do que vestir, nem como impressioná-la — respondo e deixo cair os braços.

Marta observa-me atentamente e, ao virar-me, percebe o quanto estou preocupada.

— Como se fosse enfrentar um ogro — brinca ela, balançando a cabeça enquanto se aproxima de mim. — Olha, Cruz é como nós. Começou muito jovem e, embora agora seja a diretora da Astra, sabe perfeitamente como tratar a sua equipa porque passou pelo mesmo. Tens experiência de sobra para impressioná-la, então mexe-te e despacha-te. Não quero que lhe dêes uma má impressão — acrescenta com um sorriso divertido pela contradição. Ela ri e coloca as mãos nos meus ombros. — Vais ver que ela vai gostar de ti, mas aviso-te, ela não suporta pessoas atrasadas. Então, vamos, despacha-te.

—Tu sabes mesmo como acalmar qualquer pessoa —digo com ironia, enquanto bufo e coloco as mãos na cintura. Dou uma olhada em todas as roupas espalhadas. —Acho que vou apostar no simples.

Escolho um dos meus conjuntos de duas peças e combino-o com uma das blusas novas que comprei antes de viajar. Marta senta-se na beira da cama e olha para mim emocionada. Apesar de os nervos ofuscarem um pouco o que sinto, partilhamos a mesma ilusão. Estar aqui e ter a possibilidade de trabalhar juntas novamente é um prémio que nunca pensei que poderíamos conseguir, e não hesito em dar-lhe um abraço assim que termino de me vestir.

Afasto-me e olho para o saco de papel que ela ainda segura na mão, fingindo que não sei o que é.

—Eu sabia que estarias nervosa, então passei na minha padaria favorita e trouxe o que tu mais gostas. —Ele me surpreende e dá de ombros—. Rolinhos de açúcar... Não sei se fiz a coisa certa, talvez eles te deixem ainda mais nervosa.

—Dá-mos. —Arranco-lhe o saco das mãos e corro para a cómoda que está ao lado da porta.

Ao abri-la, respiro o aroma doce com os olhos fechados. O cheiro transporta-me para uma das muitas memórias que partilhamos na casa dos pais dele, quando, ainda adolescentes, nos empanturrávamos de rolinhos de açúcar enquanto bebíamos leite com Nesquik e tentávamos levar adiante o trabalho na nossa primeira empresa em Madrid.

Dou uma boa mordida em um e ofereço a sacola a ele.

—É todo seu —ela balança a cabeça negativamente—. Hoje estou com o estômago embrulhado, a menstruação está me matando —ela suspira enquanto procura na bolsa um analgésico para tomar imediatamente—. Agora você está pronta para assinar o contrato?

—Acho que sim, mas até não ter isso na minha frente, não vou acreditar. Chame-me desconfiada.

—Tu nunca mudas —diz ele, abraçando-me novamente, algo que agradeço com um suspiro—. Mas é assim que eu te amo. E saiba que adoro ter-te na Astra comigo.

...

O táxi demora pouco mais de dez minutos a chegar. Ao sair, observo o edifício e não consigo evitar a sensação de que algo vai correr mal. No entanto, esforço-me por afastar esse pensamento, distraída pelo contraste entre um lado da rua e o outro. À minha esquerda, uma fachada antiga, com belas varandas e janelas de madeira; à minha direita, a modernidade dos vidros onde a agência tem a sua sede. O logótipo chama a minha atenção primeiro, seguido pela multidão de trabalhadores que entram e saem apressadamente, com pastas nas mãos, imersos na competitividade deste mundo tão exigente quanto gratificante.

Engulo em seco e aceno com a cabeça quando Marta me olha, perguntando com o olhar se estou preparada. A sua carícia no meu braço tranquiliza-me e, juntas, caminhamos em direção à porta que me leva a um lugar muito diferente de todos aqueles em que trabalhei ao longo destes anos. A recepcionista cumprimenta-nos com cortesia e dirigimo-nos para o elevador. Lá dentro, o silêncio reina enquanto tento organizar as minhas ideias, com medo de ficar sem palavras ou, pior ainda, dizer algo inadequado.

O corredor de mármore parece eterno. Consigo ouvir os batimentos do meu coração nos ouvidos e sinto-me como aquela recém-formada que começou nisto há tanto tempo. Marta também não diz nada, apenas me guia até à porta onde se lê o nome Cruz Cervera na placa. Respiro fundo várias vezes e, ao ouvir o —Adelante—, esboço o meu melhor sorriso.

Ao abrir, vejo uma mulher que não se parece em nada com um ogro.

—Laura, que alegria ter-te aqui finalmente! —diz ela com um sorriso que me deixa mais tranquila.

Olho para Marta, que me devolve um olhar cúmplice e um silencioso —Eu disse-te—. A minha futura chefe — ou assim espero — deixa o café sobre a mesa e estende-me a mão.

—Prazer em conhecê-la —hesito.

—Sem formalidades, chame-me Cruz —responde ela, apertando a minha mão com entusiasmo—. Não sabe a alegria que senti quando a Marta me disse que você aceitou juntar-se a nós.

— Não podia deixar passar esta oportunidade.

—Sei que você tinha outras ofertas, e muito boas, aliás —comenta ela, surpreendendo-me com o quanto está bem informada—. A de Berlim, por exemplo, era irrecusável.

—Um pouco... —admito, sentindo um leve nervosismo—. Mas, no final das contas, as coisas não teriam mudado muito. Eu estaria viajando o tempo todo, e o que eu realmente quero agora é algo mais estável, mais focado no mundo da publicidade. Como você sabe, foi assim que comecei, e a Astra é um sonho.

— A tua frescura é o que precisamos nesta empresa. Estou farta de pessoas que só querem encher os bolsos. Acompanhei a tua trajetória e nunca vi ninguém tão envolvido, mesmo nas cidades pequenas onde organizaste festivais e outros eventos.

—Gosto de fazer as coisas bem e destacar o talento das pessoas. — Cruz nos oferece para sentar nas poltronas em frente à sua mesa.

—Você trouxe de volta aos palcos uma cantora que há anos não queria tocar uma música, poucas pessoas conseguem isso —lembra Marta e, em seguida, dirige-se à minha futura chefe—. Se quiserem, eu saio e vocês conversam um pouco sobre os interesses em comum.

—Não é preciso, Marta. Na verdade, acho que podemos começar a trabalhar já. —Olhamos uma para a outra e imagino-nos a dar saltos de alegria. Cruz serve-nos duas chávenas de café, senta-se e procura uma pasta na gaveta, que abre à minha frente—. Este é o teu contrato. Por enquanto, vamos começar com um contrato de dois anos. Não temos expectativas a longo prazo; às vezes, as pessoas cansam-se muito rapidamente.

—Acredite, não será o meu caso —comento com entusiasmo, talvez demasiado entusiasmada, mas não me importo. Assim que entrei, soube que era isto que procurava há muito tempo.

—Dá para ver na tua cara — ela esclarece, enquanto me entrega uma caneta. —E imagino que estejas ansiosa para começar, certo? Porque já temos uma nova contratação, e vocês duas vão começar assim que saírem por aquela porta.

—Da cadeia de cafés? —pergunta Marta. A nossa chefe acena com a cabeça e ela levanta os braços em sinal de vitória. —Eu sabia que íamos conseguir. Houve muita controvérsia com a última campanha deles, o diretor-geral é daqueles que confia em velhas lendas. Mas assim que vimos a oportunidade, fizemos uma proposta.

—Que eles não puderam recusar, e por isso decidiram voltar para nós —acrescenta Cruz—. O dossiê já está pronto com as ideias que temos para a campanha publicitária. E, com base nisso, quero que organizes um evento inesquecível que capte a atenção dos compradores mais fiéis, e também daqueles que se foram após o seu... passado fracassado.

—Vou começar a trabalhar nisso ainda esta tarde. Então... estou na sua equipa, certo? —pergunto a Marta, que acena com a cabeça.

—Foi a minha condição quando lhes falei de ti —reconhece encantada—. O Jorge é muito bom, mas acabamos sempre por discutir. Também estou numa idade em que quero ter mais tranquilidade —brinca e faz-me rir—, e a verdade é que acho que ele vai deixar a empresa em breve.

—Você vai apresentá-lo ao Álvaro? —Olho para Cruz com expectativa—. Seu assistente pessoal. Aqui, nosso lema é aliviar a carga de trabalho dos nossos funcionários, não quero que você fique exausta na sua primeira semana.

—Acho que me apaixonei. Nunca tinha recebido tanta atenção —brinco, e procuro a caneta. Assino o contrato e entrego-lho imediatamente—. Vou dar o meu melhor, não vou desiludir-te.

—Eu sei que não vais. Primeiro, põe-te a par de toda a informação e, depois, organiza as reuniões com os colaboradores do evento. A Marta já sabe com quem costumamos trabalhar. Temos três meses para preparar tudo e é um contrato muito importante. Quero que tudo corra bem.

Pela primeira vez em toda a reunião, ela fica mais séria e me faz engolir em seco. Levo essa responsabilidade muito a sério, porque, embora ela não diga, sei que o trabalho é um teste para ver se me encaixo na empresa e se joguei bem as minhas cartas. Nós três apreciamos o café e contamos algumas histórias sobre como chegámos até aqui.

O ambiente torna-se tão incrível que tenho a certeza absoluta de que tomei a melhor decisão da minha vida.

2

VEGA

Dizem que as tempestades mais fortes são as que levam a mares calmos, e eu sou a prova viva de que isso é verdade. Ser a primogénita numa família como a minha colocou o foco em mim na menor oportunidade, e às vezes a pressão foi insuportável. Lembro-me de todas as vezes em que me tranquei num armário para que não me vissem chorar quando sentia que não aguentava mais. Tudo começou com as competições de natação desde que era criança e, desde então, não houve nenhum detalhe na minha vida sobre o qual não quisessem opinar, independentemente de eu ter algo a dizer ou não.

O divórcio foi a gota d'água para pais que nunca deixaram de me julgar e, até hoje, continuam a fazê-lo. «Sentidos» é a palavra perfeita para descrever o negócio de catering que dirijo há oito anos e que atingiu o seu auge depois de conseguir um contrato de colaboração com a empresa de publicidade Astra. Embora tenhamos apenas um pequeno local na rua Simón Bolívar, estamos na boca de meio Bilbao graças ao nosso trabalho, e sinto-me mais orgulhosa do que nunca.

—Então, quando é a reunião? Vega?

—Desculpa, o que estavas a dizer? —Marcos cruza os braços e lança-me aquele olhar inquisitivo com o qual não precisa dizer mais nada —. Não me dê atenção, às vezes os meus pais são insuportáveis.

—O que fizeram desta vez?

—Eles querem que eu organize a comemoração da abertura de capital de um desses amigos ricos que eles têm, como se não soubessem que esse tipo de coisa não é a minha praia.

—Não deixes que eles te intimidem. Devias falar com eles e deixar as coisas claras de uma vez por todas —diz ele enquanto seca as mãos com

um pano e se aproxima de mim com um dos *arancini* em que estive a trabalhar toda a manhã—. Diz-me, por favor, que está melhor do que os anteriores.

Dou uma mordida e sinto a cremosidade do arroz misturado com o queijo, o bacon e as ervilhas. Inclino a cabeça para trás e imploro com o olhar para que ele me dê outro. Vejo-o tão nervoso que estou prestes a soltar uma gargalhada, com aquela postura tensa que ele assume ao apoiar as mãos sobre a mesa, esperando o veredicto.

—Juro que nunca provei nada tão bom. Está incrível... me deu um orgasmo!

—Não exagere —protesta ele, levantando uma sobrancelha.

—Estou a falar a sério. Se não os tirares da minha frente, vou comer todos de uma vez e adeus à prova irrefutável de que és o melhor cozinheiro que já conheci.

As bolinhas empanadas olham para mim da bancada e eu me obriguei a desviar o olhar. São apenas onze e meia da manhã, mas já estou ansiosa pela hora do almoço para ver se Marcos tem mais alguma surpresa para mim. No entanto, lembrei-me que hoje tenho um encontro com meu ex-marido.

—Vou dizer que são as segundas melhores, porque acho que ainda posso melhorar a receita —Marcos ajusta o chapéu de cozinheiro e seus olhos escuros brilham de emoção—. Confirmaram a reunião?

—Sim, amanhã tenho que ir aos escritórios. Disseram-me que vou trabalhar com algumas pessoas novas, então vamos ver como tudo corre.

—Não pareces muito entusiasmada. —Sem desviar a atenção dos ingredientes, sinto a preocupação no seu tom de voz, o que me basta para perceber que ele está atento ao que digo.

—Não sei, tenho uma sensação estranha no estômago, mas deve ser por causa dos meus pais, não vou dar mais importância a isso. Se finalmente aprovaram o contrato com a cadeia de cafés, vamos ter que nos apressar com o menu. Ouvi dizer que são clientes muito exigentes.

—Nós também somos, então isso não me preocupa. Mas não ouse cozinhar só por causa do que os teus pais disseram outro dia, então vem cá,

tenho a certeza de que o que preciso para melhorar os *arancini* é o teu toque especial.

—Confias demais em mim e não percebes que sou uma bomba incendiária.

Marcos estala a língua e rimos antes de começarmos a trabalhar. Devo admitir que a cozinha me chamou a atenção desde pequena, muito longe das competições em que me obrigavam a destacar-me. A única coisa que eu queria era ficar sozinha, entre fogões, descobrindo os segredos da gastronomia. No final, a pressão levou-me a estudar administração de empresas, mas conhecer o Carlos foi um ponto a meu favor, que me ajudou a reconectar-me com o mundo que mais me apaixonava.

Sentidos é o melhor que tenho na vida; além do meu filho Javier, que irrompe no local como um furacão e atravessa a porta da cozinha atraído pelo aroma. Felizmente, a esta hora não temos nenhum cliente que venha comprar as nossas especialidades gourmet.

—Mamãe! Adivinha o que fizemos hoje? —Não tenho tempo de secar as mãos antes que ele se jogue em cima de mim, bem quando me abaixei para ficar na altura dele—. Fiz biscoitos, melhores do que os do tio Marcos!

—Não me diga, vamos comê-los como sobremesa?

—Sim!

Encho-o de beijos e levanto os olhos quando o pai dele entra, com as bochechas coradas. Com certeza eles correram até aqui.

—Como foi o dia? —Agarro Javier nos braços, e ele agarra-se ao meu pescoço como um pequeno coala.

As semanas que ele passa com o pai parecem eternas para mim, por isso agradeço sempre que ele venha almoçar comigo pelo menos duas vezes.

—Muito bem, o contrato está quase fechado, mas não quero ser muito otimista; ultimamente, não temos tido muita sorte.

—Não diga isso, você se dedica totalmente à sua empresa, com certeza vai conseguir.

—Tomara. O que vocês estão preparando? Cheira maravilhosamente bem, já estou com vontade de cancelar a reserva e ficar para comer aqui.

—Sim, tio! Podemos? —Javier faz aquela cara de gato com botas com a qual quase sempre consegue o que quer.

Ele, por sua vez, hesita. Vejo como ele aperta os lábios e, antes que ele ceda, deixo Javier no chão e tiro o avental. Pego na mão dele e nego com um sorriso.

—O tio tem muito que fazer, talvez a mãe tenha um trabalho importante e tenhamos que ensaiar, mas outro dia almoçamos aqui juntos, está bem?

Marcos vocaliza um silencioso «obrigado», o que o tranquiliza. Eu lhe dou uma piscadela enquanto procuro as chaves do local. Javier parece um pouco decepcionado, mas seu humor melhora assim que lhe dou um dos seus chocolates favoritos.

—Tu o mimas demais —protesta Carlos, embora eu saiba que ele não está falando sério.

—Não consigo evitar. Quando ele crescer, vai esquecer-nos, por isso tenho de aproveitar o tempo que nos resta para desfrutar desse lindo sorriso que ele herdou de ti.

O meu ex-marido concorda, embora note um certo desconforto na sua expressão. «Normal, depois de tantas mentiras», penso.

Terminamos no nosso restaurante italiano favorito e, enquanto Javier come tranquilamente, aproveito para levantar o meu copo de vinho.

—O que se passa? —pergunta Carlos, surpreendido.

—Tenho a certeza de que vais ser o arquiteto principal e quero comemorar. —Dedico-lhe um sorriso e ele inclina a cabeça para trás, relaxado. Ao olhar para mim novamente, ele leva alguns segundos para contemplar o nosso filho—. Estou muito orgulhosa de ti, dos passos que deste e do pai incrível que és. Na verdade, se não fosse por ti, eu nem teria Sentidos, então espero que algum dia reconheças tudo de bom que fizeste.

—Eu apenas te dei asas, tu fizeste o resto, Vega —comenta ele, com um toque de melancolia na voz—. Quando te conheci, soube que eras corajosa e que um dia farias aquilo que mais te apaixonava,

independentemente do que os outros dissessem. Tens que te dar crédito por isso também.

«Eu daria, se não tivesse escondido por tanto tempo o que realmente queria», penso. Mas ao ver Javier com a boca manchada de tomate, arrependo-me imediatamente e brindo com o copo do pai dele. Porque, embora ele não tenha sido o amor da minha vida, ele me deu a coisa mais importante que tenho, e isso nunca vai mudar.

—O que vão fazer amanhã?—, pergunto, quebrando o silêncio constrangedor.

—Mmm... vamos ao cinema—, responde Javier com a boca cheia, fazendo-me rir.

—Primeiro engula, campeão —esclareço enquanto mexo o cabelo dele—. Vocês vão ver Kung Fu Panda 4? —Ele acena com entusiasmo, e eu tenho pena do Carlos, porque o nosso filho é incapaz de ver um filme de mais de uma hora sem pedir para sair para dar uma volta. Balanço a cabeça negativamente ao imaginá-lo e concentro-me no meu prato—. A mamãe tem uma reunião muito importante amanhã. A verdade é que estou um pouco nervosa, não sei porquê. Mas se correr tudo bem, vamos comemorar na próxima vez que comermos juntos, está bem?

—Sim! —exclama Javier e levanta os braços com um enorme sorriso coberto de tomate.

—Tudo vai correr maravilhosamente bem, como sempre — acrescenta o meu ex-marido.

Brindamos novamente e, enquanto observo ao meu redor, não consigo deixar de me sentir afortunada por tudo o que tenho e pelo que conquistei ao longo dos anos. Embora, no fundo, ainda haja uma parte de mim que anseia por reviver a felicidade que experimentei no passado.

3

LAURA

—Prometo que assim que sair da reunião, serás a primeira a saber todos os detalhes.

—Não acredito que finalmente estás a realizar o teu sonho de trabalhar numa agência de publicidade. —A minha mãe sorri para a câmara, e posso ver como está emocionada. — O teu pai ficaria muito orgulhoso de ti.

—Vais fazer-me chorar... —contenho as lágrimas para não estragar a maquilhagem e levanto o telefone para lhe mostrar como é o meu novo escritório. —O que mais me importa é que estejas bem e que me visites de vez em quando. Não nos vemos há uma semana e já sinto a tua falta.

—Também sinto a tua falta, querida. A decoração é linda, e estar tão perto do mercado de La Ribera é maravilhoso. Lembro-me das vezes que fomos lá quando visitámos Bilbao, é incrível que tenhas acabado por ficar lá.

—Terás que agradecer à Marta, foi ela quem fez tudo. Sinto-me muito próxima dele aqui... e do avô, embora não tenha tido a sorte de o conhecer.

—Tu fazes isso todos os dias, querida. Tu tens muito dele. E bem, tu sabes que eu não me vejo saindo de León. —Ele dá de ombros enquanto pega um dos biscoitos que sempre acompanham o seu café—. Mas eu irei te ver com frequência. Agora para de falar e vai para essa reunião, tenho certeza que estás nervosa.

—Um pouco, mas nada que uma conversa contigo não resolva. Amo-te, mãe.

—E eu a ti, querida. Boa sorte!

A videochamada é interrompida e deixo o telefone sobre a secretária. Já terminei o segundo café da manhã há algum tempo, apesar de serem apenas nove horas. O nervosismo tirou-me o apetite e sinto essa sensação percorrer-me como uma erupção cutânea inquieta que não p e parar. Não sei por que estou tão nervosa, quando sei que tudo vai correr bem. As coisas começaram a acontecer desde o primeiro minuto. Alguém bate suavemente à porta e Álvaro entra com uma pasta nas mãos e aquele sorriso que parece manter, por mais stressado que esteja.

—Aqui está a informação das empresas com as quais costumamos trabalhar: catering, segurança, iluminação... Organizei-as por ordem de importância e orçamento.

—Cruz tinha razão quando disse que você iria facilitar o meu trabalho. Não devia ter se dado tanto trabalho, também tenho que cuidar das coisas importantes ou serei apenas uma figura decorativa —brinco. Ele balança a cabeça e deixa a pasta sobre a mesa.

—Quando começarmos a organizar o evento, não vais pensar o mesmo —acrescenta com segurança, passando a mão pelo cabelo.

Deslizo os dedos sobre a pasta por alguns segundos; a curiosidade de saber com quem nos vamos reunir me atrai, mas decido levá-la para revisá-la mais tarde. Não gosto de formar impressões através de relatórios. Termino meu café e dirijo-me à porta.

—Vens? Se vamos trabalhar lado a lado, quero que estejas presente.

Álvaro parece surpreendido e demora a reagir, como se não tivesse ouvido bem. Algo me diz que é a primeira vez que lhe oferecem algo assim. Levanto uma sobrancelha e apresso-o com o olhar. Saio do escritório e, juntos, percorremos um longo corredor até entrarmos no elevador que nos leva dois andares acima, onde fica o escritório de Cruz e as salas de reuniões onde as equipas se coordenam para começar o trabalho.

Levo comigo uma pequena agenda onde anotei algumas ideias preliminares que quero aperfeiçoar se tudo correr bem: desde o local do evento de apresentação até ao possível menu. Pesquisei sobre a cadeia de cafés e estou convencida de que destacar a origem da matéria-prima será fundamental para atrair tanto um público exclusivo como o público em geral. Estou tão entusiasmada que o nervosismo desaparece

completamente... até que abro a porta da sala e Cruz nos recebe com o seu sorriso encantador.

—Finalmente, estava ansioso para vos apresentar —diz ele enquanto se aproxima de uma mulher que está de costas para mim. Um arrepio percorre-me ao ver como ela leva a mão ao pescoço e acarici mente antes de se virar. —Vega Jiménez, esta é Laura Molina, a nova estrela da Astra. A partir de agora, ela será responsável por organizar os eventos mais importantes da agência.

Não consigo ouvir claramente as últimas palavras de Cruz. Um frio percorre a minha espinha, deixando-me imóvel. Vega aproxima-se com um sorriso enigmático e os seus olhos âmbar brilham de surpresa. Ela estende a mão e eu, automaticamente, respondo ao cumprimento. O leve toque dos seus dedos transporta-me imediatamente para a sala do meu apartamento em León, onde nos beijámos pela última vez, meses antes de eu deixar a cidade.

—Encantada. Será um prazer trabalhar consigo, a sua reputação precede-o — comenta ela com doçura. A sua voz penetra nos meus pensamentos, e só ouço aquele riso melodioso de que tanto me lembro.

A porta da sala se abre de repente e eu acordo do meu devaneio. Marta entra ofegante, seguida por sua equipe de design, e eu aproveito o momento para soltar a mão de Vega como se tivesse levado um choque elétrico.

Álvaro franze a testa e eu engulo em seco. Agarro a pasta e avanço em direção a uma das cadeiras do escritório, onde me sento enquanto espero que os outros façam o mesmo. Vega fica à minha frente e não consigo deixar de notar o quanto ela mudou. Meus olhos deslizam até as mãos dela; não há sinal de nenhum anel, e meu estômago revira. Os ecos daquela noite em que soube que ele se tinha comprometido com um homem ressoam na minha mente, trazendo de volta uma dor que pensava ter superado.

—Laura, estás aqui? —A voz de Marta tira-me dos meus pensamentos, e desvio o olhar de Vega.

—Sim, desculpa, o que estavas a dizer?

—Que já temos os designs definitivos da campanha. Trouxe os primeiros rascunhos, caso sirvam como complemento às ideias que

mencionaste.

—Claro, dá-me um momento —respondo, limpando a garganta, enquanto reviso as minhas próprias anotações.

As minhas mãos tremem sobre as páginas, e o silêncio que se forma à minha volta parece-me cada vez mais pesado, algo que não posso permitir neste momento. Respiro fundo e tento esquecer que à minha frente está a mulher que me partiu o coração há mais de onze anos. Obrigo-me a sorrir e endireito as costas. Leio as minhas anotações e começo a falar sobre a viagem sensorial do café: das suas raízes, de como antigamente os nossos avós se reuniam nas mesas das suas casas ou nos melhores bares para descansar após longos dias de trabalho. Explico-lhes como um aroma pode transportá-los para um lar, para uma pessoa, e como as origens podem ficar gravadas num sabor.

Os meus lábios tremem algumas vezes ao lembrar-me das chávenas de café que partilhei com o meu pai, mas isso mesmo me dá forças para continuar. Cruz sorri várias vezes, e a mensagem que quero transmitir com o evento parece chegar-lhes com a mesma clareza com que a imaginei nas últimas horas.

Por um momento, Vega fica em segundo plano, pelo menos enquanto falo e Marta mostra tudo o que preparou. No entanto, o feitiço se quebra quando ela se levanta e toma a palavra.

—Como vocês já sabem, Marcos e eu estamos há semanas a trabalhar em pratos que possam surpreender os convidados, embora ainda não tivéssemos nada oficial —diz ela com uma naturalidade que eu não lembrava ter visto nela. Ela aperta um botão e projeta imagens na tela—. Tínhamos muito claro que queríamos oferecer uma viagem sensorial inesquecível, algo que lhes evocasse aquele café que se saboreia com uma boa refeição.

—Não deveriam ter consultado-me antes? —pergunto, tentando não parecer irritada—. O normal é que seja o organizador do evento que contrate o menu, uma vez que tudo esteja decidido. Não faz muito sentido avançar sem conhecer a minha opinião.

—Trabalhamos com a Vega há anos —esclarece Cruz, e embora não o diga em tom de reprovação, é assim que me sinto—. Sempre pedimos que ela prepare algumas ideias preliminares antes de termos o conceito final do

evento e o local da apresentação. Mas agora que vocês já se conhecem, tenho a certeza de que criarão uma combinação explosiva.

—Claro, sou a nova aqui —comento sem entusiasmo, e noto que Marta franze a testa.

Concentro-me em escrever mais algumas notas na agenda, enquanto tento ignorar a voz de Vega e as imagens dos pratos que ela começou a desenvolver. Rabisco sem sentido e risco outras ideias. A reunião se prolonga por mais vinte longos minutos e, quando finalmente termina, recolho minhas coisas em silêncio. O pior é que não consigo evitar ter que me despedir de Vega antes de sair da sala, desejando me trancar no meu escritório para ficar sozinha.

Peço a Álvaro que me acompanhe, e ele segue os meus passos sem questionar. Sei que neste momento não pareço a profissional que contrataram há apenas algumas horas, mas isto é a última coisa que esperava que acontecesse. Agora, sinto-me no meio de um turbilhão de emoções. Talvez seja o medo de enfrentar o que eu era ou o que sentia, mas, ao mesmo tempo, há algo neste reencontro que desperta em mim uma nostalgia calorosa, embora confusa ao mesmo tempo. Este choque inesperado entre o passado e o presente me desorienta e, embora eu tente manter a compostura, continuar sendo a profissional que sou, o esforço para conter meus sentimentos tem sido uma batalha colossal.

O telemóvel vibra no bolso do meu casaco quando chego ao meu escritório. É uma mensagem da minha mãe que abro rapidamente:

Mãe: Espero que a reunião tenha corrido bem, depois conta-me como foi.

Bloqueio o ecrã e guardo-o. Tenho vontade de lhe contar o que aconteceu, mas contendo-me. Ao fechar a porta, a única coisa em que consigo pensar é no sorriso de Vega e que, talvez, esta não tenha sido a melhor decisão da minha vida.

4

VEGA

Tenho a certeza de que, se me picarem, não vou sangrar. Cruz acabou de sair com o resto da equipa, exceto Marta, que continua aqui de braços cruzados, com um milhão de perguntas gravadas no rosto. Engulo em seco enquanto tento organizar os meus pensamentos. Ainda não consigo acreditar que isto está a acontecer, que a Laura está a trabalhar na Astra e que, de todas as cidades de Espanha, o faz precisamente aqui, para onde me mudei pouco depois de casar com o Carlos, depois de quebrar todas as promessas que fiz à mulher da minha vida. «Meu Deus, isto é...»

—Posso saber o que aconteceu aqui? O que eu perdi?

—É uma longa história —respondo. Ela levanta uma sobrancelha e tamborila os dedos sem mudar de postura. Preciso de ser mais convincente —. Somos velhas conhecidas. As coisas não terminaram bem, suponho que ela ainda não tenha superado a raiva.

—E tanto. Desde que conheço a Laura, nunca a vi assim, e olha que somos quase como irmãs, já vimos o pior uma da outra.

—É a sua melhor amiga e não lhe disse nada sobre... mim?— Não sei por que faço suposições, nem por que me dói tanto pensar que ela me odeia o suficiente para me ter apagado completamente da sua vida.

—Vês, nunca conhecemos completamente alguém. E pensar que esperava uma semana tranquila... Estamos em terça-feira e já quero que chegue o fim de semana.

—A Laura é uma grande profissional. Mesmo que ela não tenha deixado isso claro antes, garanto-te que, quando vocês se encontrarem novamente, tudo vai mudar. Vou revisar os esboços com ela e, quando estiver tudo pronto, deixo tudo a teu cargo. — Enquanto ela fala, acaricio a

minha clavícula e lembro-me de como ela costumava beijar-me ali. —Estás a ouvir-me?

—Sim, sim, não te preocupes.

—Como se vocês tivessem entrado em guerra no passado —brinca ela.

—Se ela soubesse o que aconteceu...

—Enfim, acho que estamos bem com as ideias, e o Marcos tem mãos de ouro. Então, vai em frente com isso, para que quando a Laura for ao Sentidos, ela fique encantada.

—Espero que sim — comento com um sorriso enquanto termino de recolher os papéis da mesa. Aproximo-me de Marta e dou-lhe um abraço de despedida. —Tenta não enlouquecer, ela é muito exigente.

—Ufff, nem precisas de dizer —responde ela entre risos, para depois abanar a cabeça—. Essa é a única razão pela qual achei que não seria boa ideia trabalharmos juntas. Temia que isso afetasse a nossa amizade. Mas desde que ela se mudou para cá, não parei de pensar que devia ter-lhe proposto isto antes.

—Aproveite então —digo enquanto acaricio o seu braço e saio da sala de reuniões.

Uma pontada de ansiedade invade-me e não quero ouvir aquela vozinha na minha cabeça que insiste em analisar o que a Marta disse. Há muito tempo que me convenci de que tinha esquecido a nossa história, tudo o que aconteceu, tudo o que lhe fiz. Mas ao vê-la hoje, todas as barreiras que tinha erguido ruíram, trazendo consigo as memórias das lágrimas, dos gritos e das palavras horríveis que trocámos.

Agarro a minha mala e caminho depressa, com o medo irracional de me cruzar com ela no corredor, embora saiba que não poderei evitar o inevitável. Durante os próximos três meses, teremos de trabalhar juntas neste projeto, provar os pratos, misturar as nossas ideias e comportar-nos como as profissionais que todos pensam que somos. No entanto, só consigo pensar na Laura que um dia me apaixonou, aquela que deu sentido à minha vida. Uma mulher que lutou com todas as suas forças para que eu escolhesse a felicidade, a quem neguei tudo ao ponto de destruir a sua vida.

Entro no elevador e encosto a cabeça na parede, deixando-me levar pelos meus pensamentos. Arrependo-me de não ter feito as coisas de outra forma, embora saiba que, se tivesse feito, Javier não estaria na minha vida. Mesmo assim, não consigo evitar o desejo de voltar no tempo, abraçá-la e dizer-lhe «amo-te» em vez daquele adeus tão amargo.

—Isto vai ser uma loucura...—, sussurro. O elevador chega ao rés-do-chão e, ao abrir-se, deparo-me com uma realidade que não quero enfrentar. Laura fica paralisada por um momento e depois dá um passo atrás, disposta a sair por outro lado. —Não faças isso, por favor. Eu já estava de saída.

Saio e deixo que ela ocupe o meu lugar lá dentro. Não sei por que fico parada onde estou, sei que deveria ir embora e deixar as coisas como estão, mas não consigo.

Álvaro está à minha espera, só precisava de um pouco de ar.

Ela não precisa justificar-se, eu sei muito bem disso. No entanto, coloco a mão entre as portas antes que elas se fechem e volto a entrar no elevador. Os segundos que se passam até ficarmos sozinhos são intermináveis e, pela sua expressão, sei que ela não está a gostar nada disso.

—Preciso de te explicar.

—O que exatamente você vai me explicar? Que foi uma covarde que escolheu o caminho mais fácil? —Seu olhar reflete dor e eu me sinto a pior pessoa do mundo por ser a causadora disso.

Tenho as palavras na ponta da língua, mas não consigo dizê-las e isso frustra-me.

—Laura, eu...

—Vim para trabalhar —interrompe-me. O seu tom é tão frio que quase não a reconheço—. Não vou arruinar um excelente contrato por uma história que já deixei para trás. Sejamos profissionais. Depois de amanhã irei ao seu local, quero que tenha as ideias que mencionou preparadas.

Ela abraça-se a si mesma como costumava fazer quando sabia que algo não ia correr bem. A sua indiferença é evidente, e fica claro para mim que não tenho mais nada a fazer aqui. Carrego no botão e espero que as

portas se abram para escapar desta bolha tão amarga. Saio do elevador e viro-me para olhar para ela, mas ela não o faz em momento algum.

Nem sei como consegui cumprimentá-la com tanta alegria e facilidade antes, como se não tivesse sido eu quem partiu e destruiu o seu coração.

...

—Então, temos a aprovação?

—Não totalmente —respondo. Marcos levanta as sobrancelhas, esperando uma resposta mais concreta—. Depois de amanhã, Laura virá ver o que temos e, a partir daí, começaremos a definir o menu.

—Nossa, a nova é exigente mesmo —protesta ele, cruzando os braços. —Você percebe que isso é um retrocesso, não? O normal é nós propormos o menu e eles escolherem a partir do que já temos. Acho uma bobagem nos fazer começar do zero.

—Não é minha culpa que Cruz tenha contratado uma nova organizadora de eventos que trabalha dessa maneira. Não complique mais as coisas, por favor. —Marcos levanta as mãos, franzindo a testa. Entendo que esteja chateado, mas não quero que leve isso tão a sério. —Olha, vamos fazer o de sempre. Tenho certeza de que quando ela vier vai ficar encantada, você vai ver.

—Espero que sim, porque não gostaria de ter passado tantas noites em claro em vão.

—Ela é muito exigente com o seu trabalho. Não gosta de coisas feitas pela metade, então é lógico que queira ver como fazemos antes de decidir.

Caminho pela cozinha industrial e procuro um pouco de água fresca num frigorífico cheio de pratos a meio da preparação. A mistura de aromas abre-me o apetite, embora ainda tenha o estômago revirado pelo que aconteceu. Não consigo tirar da cabeça o olhar de Laura nem o ódio que ela demonstrou no elevador. Sirvo-me de um copo grande e bebo de um só

trago, sob o olhar atento de um homem que já conhece bem as minhas mudanças de humor.

—Há algo de errado contigo, reparei nisso desde que entraste na cozinha. A primeira impressão com aquela mulher foi assim tão má? — Marcos apoia as mãos na bancada, olhando para mim com aquela curiosidade que tanto me irrita.

—Não é isso, melhor deixar para lá. Não estou com vontade de pensar nisso, só quero que este trabalho saia bem e nada mais.

—Claro... e eu chupo o dedo. —Ele tira o chapéu de cozinheiro, joga-o sobre a mesa e procura dois bancos para nos sentarmos mais confortáveis—. Trabalhamos juntos há oito anos e nada me escapa. Se não falares, isso vai ficar preso e depois virão os problemas.

—Que chato tu és... —respondo irritada, enquanto me sento e apoio os cotovelos na mesa. Coloco o rosto entre as mãos e, após alguns segundos, arrumo o cabelo como se isso fosse devolver-me a segurança que deixei na sala de reuniões da Astra—. Laura é minha ex. *Aquela* ex.

—Caramba! Mas... E como é que ela foi parar a Bilbao?

—Isso eu gostaria de saber. De todas as agências de publicidade importantes que existem na Espanha, tinha que ser na Astra que lhe ofereceram um contrato. E, para completar, foi a Marta quem lhe falou da oportunidade. Ao que parece, elas são melhores amigas ou algo assim... — Inclino a cabeça para trás, soltando um suspiro desesperado—. Não imagina o quanto ela me odeia.

—Talvez tenha sido apenas a impressão de te ver. Não tires conclusões tão rápidas.

—Acredita, eu conheço-a bem, e isso não vai ser nada fácil. Não faço ideia de como vamos trabalhar juntas a partir de agora —digo e faço um beicinho antes de me levantar de repente.

Marcos observa-me surpreendido, certamente acompanhando os meus movimentos enquanto me aproximo da parede onde está pendurado o meu avental. Ato-o nas costas e procuro no frigorífico os ingredientes preparados para os *arancini*.

—Por que não deixa isso por um momento e termina de falar comigo? —ele repreende, enquanto endireita a postura—. Você sempre tem o mau hábito de começar a trabalhar para não pensar, mas continua remoendo o que aconteceu.

—Prefiro ocupar-me com isto, não é que eu possa mudar o que aconteceu. Além disso, vou ter que aturá-la de qualquer maneira, então vamos concentrar-nos em impressioná-la com os canapés que planejamos.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição e, ao se levantar, coloca o boné novamente. Talvez ignorar a situação não seja o melhor, mas agora tudo o que quero é fazer bem o meu trabalho e evitar que isso se torne um verdadeiro inferno.

5

LAURA

Outubro de 2011. León.

Estávamos prestes a fechar o mês com números imbatíveis, talvez os mais altos desde que comecei a trabalhar na empresa que me ofereceu as minhas primeiras experiências fora do país. Responsabilizar-me por eventos importantes no estrangeiro deu-me uma visão completamente diferente, aquela fome de que tanto falavam os professores na universidade, o grande impulso para acordar todas as manhãs e ir trabalhar.

Levantámos os nossos copos e brindámos à equipa e a mais uma campanha de sucesso que me proporcionou uma semana de férias, embora eu ainda não soubesse como aproveitá-la.

—Tenho que admitir, a tua visão tem aquele *impacto* que eu não via há anos. Estou muito feliz que o Claudio tenha apostado em ti. Acho que não vamos encontrar uma organizadora de eventos melhor do que tu; as redes vão disputar-te se continuares assim.

—Não tenho planos de ir para lugar nenhum. Morei em León toda a minha vida e já conheci outros lugares graças ao trabalho. Por que eu iria procurar fazer isso em outra empresa?

—Quando nos conhecemos, disseste-me que gostavas muito mais do mundo da publicidade, certo? —Carmen trouxe à conversa uma lembrança que eu tinha conseguido esquecer com o passar do tempo.

—Isso foi antes de ver tantos zeros na minha conta —brinquei, provocando risos em todo o grupo. Apesar de já ter feito um brinde, levantei o meu copo novamente e sorri para os meus colegas—. Espero que passemos muitos anos mais trabalhando juntos.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Voltar a ser eu e tu"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).